

VEÍCULO: O Globo**Seção: Economia****Autor: O Globo****Data: 04/03/2009****Título: Vale demite mais 900**

Cortes, na área de níquel, não atingem Brasil

SÃO PAULO. Depois de 1.300 demissões no mundo em dezembro, a Vale demitiu 900 trabalhadores ligados à operação global de níquel, comandada pela subsidiária Vale Inco.

"A queda no preço do níquel e a redução na demanda pelo metal tornam claro que continuar a operar da maneira como operamos atualmente simplesmente não é sustentável", disse, em nota, o presidente-executivo da Vale Inco, Tito Martins.

Dos cortes, 423 ocorrerão no Canadá. Por serem ligados à crise, não quebrariam o compromisso de não demitir por três anos no Canadá, estabelecido na aquisição da Inco, em 2006. As demissões serão concentradas nas áreas corporativas, de gestão e de suporte aos negócios.

A assessoria de imprensa da Vale, no Rio, informou que não ocorrerão novas demissões no Brasil por enquanto.

"No Brasil, não há planos de novos desligamentos. A Vale tem em vigor acordo com 15 sindicatos que representam os 38 mil empregados próprios da empresa. Através deste acordo, a empresa se compromete a manter o nível de emprego até 31 de maio de 2009", diz a nota da empresa.

VEÍCULO: Folha de São Paulo**Seção: Investimentos****Autor: FABRICIO VIEIRA DA REPORTAGEM LOCAL****Data: 04/03/2009****Título: Ações da Vale ajudam a Bovespa a ter alta de 0,64%**

**Nos EUA e na Europa, dia foi de perdas;
dólar cai a R\$ 2,41**

Após iniciar as operações novamente em terreno negativo, a Bovespa conseguiu respirar com as ações da Vale, para encerrar o dia com alta de 0,64%.

O testemunho de Ben Bernanke, presidente do Fed (o banco central dos EUA), na comissão de Orçamento do Senado, teve uma reação inicialmente ruim por parte do mercado financeiro. Enquanto a Bolsa de Nova York chegou a descer quase 1%, no início da tarde, a Bovespa cravou desvalorização de 1,4%, no que foi seu pior momento no dia.

Para a Bovespa, o que permitiu que se descolasse de Nova York foi a recuperação das ações da Vale, que, em meio à melhora nos preços das commodities, atraíram compradores. A ação preferencial "A" da Vale subiu 2,17%, e a ordinária teve alta de 1,92%.

O índice Dow Jones, uma das principais referências de Wall Street, encerrou com baixa de 0,55%. O S&P 500 caiu 0,64%, para 696 pontos -foi a primeira vez que o índice de ações desceu abaixo de 700 pontos desde outubro de 96.

Bernanke, em seu discurso, sinalizou que podem ser necessários ainda mais recursos para estabilizar o sistema financeiro, o que não foi bem recebido. O mercado apenas interrompeu sua piora após o presidente dos EUA, Barack Obama, declarar que os preços das ações estão hoje em níveis atraentes.

Na Europa, os investidores voltaram a castigar as ações de grandes companhias, especialmente no setor financeiro. O índice FTSEurofirst 300, que reúne as ações europeias de maior liquidez, recuou a seu menor nível desde que foi criado, em 1997, após cair 1,86%.

Dentre os dados econômicos negativos que têm sido conhecidos na região, ontem foi a vez de a Espanha informar que número de desempregados no país subiu em mais de 154 mil pessoas em fevereiro -o que levou o montante de desempregados ao mais alto patamar desde 1996. A Bolsa de Madri teve baixa de 0,70%.

Na Bolsa de Londres, que encerrou com queda de 3,14%, as ações das instituições financeiras se mantiveram como destaque negativo. Os papéis do Lloyds perderam 7,89%; para os do Barclays, a baixa ficou em 6,72%; e as ações do HSBC, cujo resultado trimestral decepcionou o mercado na segunda-feira, caíram 1%.

Na Bovespa, as ações dos bancos tiveram oscilações pequenas ontem. Para Banco do Brasil ON, o pregão foi de alta de 1,37%; Itaú PN caiu 0,47%; e Bradesco PN recuou 0,45%.

O setor que se destacou por aqui foi o de siderurgia e mineração. Além de Vale, as ações ordinárias da Companhia Siderúrgica Nacional atraíram os investidores e terminaram com ganhos de 4,84%; para Usiminas ON a alta ficou em 2,41%.

As altas dos metais no exterior favoreceram o segmento -o cobre, por exemplo, teve valorização de 6%.

A Bolsa de Valores de São Paulo não conseguiu ter um resultado melhor devido à baixa dos papéis da Petrobras, que responderam por 26% do total girado ontem. A ação PN da estatal caiu 0,87%, e a ON, 0,58%.

No mercado de câmbio brasileiro, os investidores descontaram parte da disparada do dólar de segunda-feira, quando a moeda saltou 3,04%. Ontem o dólar fechou com depreciação de 1,27%, cotado a R\$ 2,411.

"Houve um certo exagero [na segunda] para a moeda ter subido tanto. Não havia justificativa para o dólar ter alcançado patamar tão elevado", afirma Mário Battistel, diretor de câmbio da Fair Corretora.

Mesmo com o recuo de ontem, o dólar se mantém com valorização de 3,30% no ano.

VEÍCULO: Estado de São Paulo**Seção: Primeira Página****Autor: Daniele Carvalho, RIO****Data: 04/03/2009****Título: Vale anuncia mais 900 demissões**

Mineradora garante, porém, que cortes na subsidiária Vale Inco não vão atingir as operações brasileiras

A mineradora Vale anunciou ontem a demissão de 900 funcionários de sua subsidiária Vale Inco - braço dos negócios de níquel da companhia, sediada no Canadá. De acordo com comunicado divulgado pela empresa, os cortes vão se concentrar em larga medida em funções de suporte de negócios, administrativo e corporativo. Apesar de a subsidiária administrar dois projetos no Brasil - Vermelho e Onça Puma, ambos no Pará -, os cortes não atingirão funcionários em território nacional, garante a mineradora.

"Infelizmente, as decisões difíceis anunciadas são necessárias nesse período excepcional", justificou o presidente e executivo-chefe da Vale Inco, Tito Martins, em nota distribuída ontem. A demissão de pessoal na Vale Inco se estenderá por todas as

unidades de negócios da companhia, que além do Canadá se espalham pela Europa, Ásia e Oceania. O principal negócio da companhia está na área de níquel, mas a empresa também opera minas de cobre.

A Vale argumentou que as demissões são um reflexo da desaceleração da economia mundial, que vem impondo cortes na produção de diversas commodities. "A diminuição do preço do níquel e a demanda reduzida pelo metal deixaram claro que continuar operando da maneira atual é simplesmente insustentável. As medidas que estamos anunciando hoje têm como objetivo melhorar a saúde imediata das operações e ajudar a remodelar a organização para o longo prazo e para o futuro sustentável e bem-sucedido", acrescentou o executivo no comunicado.

COMPRA

A Vale adquiriu a canadense Inco em outubro de 2006 por cerca de US\$ 18 bilhões, o maior negócio já feito por uma empresa brasileira no exterior. A aquisição permitiu que o grupo saltasse da quarta para a segunda posição no ranking mundial das mineradoras, atrás apenas da australiana BHP Billiton.

Na ocasião, o governo canadense fez algumas exigências para autorizar a transação. Entre elas, a manutenção do nível de empregos - à época, de 12,15 mil postos de trabalho - por três anos. O prazo expira, portanto, em outubro deste ano. Mas, de acordo com informações fornecidas ontem pela empresa, mesmo com as 900 demissões, o nível de empregos da Vale Inco ainda será superior em 700 empregados.

A Vale informou, ainda, que deu início ontem a reuniões com representantes dos trabalhadores para discutir qual será o procedimento a ser adotado nos cortes. Em dezembro do ano passado, a empresa já havia anunciado uma série de medidas globais para diminuir a produção, cortar custos e reduzir a força de trabalho. Na ocasião, a mineradora promoveu um programa de aposentadoria incentivada para os trabalhadores canadenses.

No Brasil, a Vale foi uma das primeiras empresas a anunciar demissões em massa. Em novembro, a companhia cortou 1,3 mil postos de trabalho, sendo apenas 300 no exterior. A maior parte das demissões ocorreu nas unidades de Minas Gerais, motivando diversas manifestações de sindicatos de classe contra a iniciativa.

Em nota, a companhia reforçou que não há, por enquanto, risco de novas demissões no País. "No Brasil, não há planos de novos desligamentos. A Vale tem em vigor acordo com 15 sindicatos que representam os 38 mil empregados próprios da empresa. Através deste acordo, a empresa se compromete a manter o nível de emprego até 31 de maio de 2009."

VEÍCULO: Estado de São Paulo

Seção: Economia

Autor: Claudia Violante, Silvana Rocha e Lucinda Pinto

Data: 04/03/2009**Título: Vale livra Bovespa de perdas em NY**

Recomendação de compra de ações da mineradora ampara recuperação parcial da bolsa, após tombo da véspera

As ações da Vale garantiram a alta da Bovespa, de 0,64%, aos 36.467,56 pontos, ontem, após o tombo de 5,10% na véspera. Após recomendações de compra de papéis da Vale por bancos estrangeiros, a ação ON da mineradora subiu 1,92% e a PNA, 2,18%. As bolsas norte-americanas caíram pela 5ª sessão consecutiva. O Dow Jones perdeu 0,55%; o Nasdaq recuou 0,14%; e o S&P 500 cedeu 0,64%, para 696,33 pontos - abaixo dos 700 pontos pela 1ª vez desde outubro de 1996. O desempenho negativo refletiu o desânimo dos investidores com os dados ruins de vendas de automóveis em fevereiro da Ford Motor e da General Motor, que reforçaram a paralisia econômica no país. No câmbio, após apurar ganho de 4,22% nas duas sessões anteriores, o dólar caiu 1,27%, a R\$ 2,412 no balcão. Além do fluxo favorável de ingresso de recursos no País, houve redução de posições compradas por investidores interessados em embolsar os ganhos recentes. A perspectiva de que a taxa Selic ainda tem muito espaço para queda até o fim deste ano justificou ajustes nos juros futuros. A taxa de abril09 cedeu a 11,93%; a de janeiro de 2010 ficou estável em 10,67%; e a de janeiro de 2012 subiu para 11,25%.

FRASE**Bert Ely**

Consultor nos EUA, ao AE Broadcast Ao Vivo

"Setor imobiliário é parte do problema financeiro nos EUA e parte importante da solução, mas não atingiu o fundo do poço. Isso deve ocorrer no final do ano"

VEÍCULO: Estado de São Paulo**Seção: Economia****Autor: Mônica Ciarelli, RIO****Data: 04/03/2009****Título: Mineradora vende participação na Usiminas**

Sem alarde, a tão comentada venda da fatia acionária da Vale na Usiminas para a siderúrgica japonesa Nippon Steel foi formalizada por cerca de R\$ 600 milhões no dia 19 de fevereiro, na véspera do carnaval, durante a divulgação do balanço financeiro de 2008. A cifra corresponde a menos da metade do que a Vale esperava arrecadar quando anunciou a operação, em março de 2008. |

Na época, a fatia da Vale correspondia a R\$ 1,3 bilhão, mas após as turbulências que abalaram o sistema financeiro, as ações da siderúrgica brasileira despencaram na Bolsa de Valores de São Paulo (Bovespa), refletindo a perspectiva de uma menor demanda por aço no mundo este ano. Com a decisão de exercer seu direito de preferência no negócios, a Nippon, que já fazia parte do bloco de controle da Usiminas, elevou sua participação acionária de 23,3% para 29,2%.

Quando divulgou o interesse de sair da Usiminas, o presidente da Vale, Roger Agnelli, alegou "divergências estratégicas" e citou como exemplo a compra de mineradoras pela Usiminas, como a J. Mendes. "Achamos um erro estratégico você desviar o foco do negócio, sendo que nunca faltou minério para a Usiminas", disse Agnelli. Para ele, a Usiminas deveria ser o "cavalo branco" do crescimento da siderurgia brasileira, mas optou por investir na verticalização do setor, com a aquisição de mineradoras.

Essa é a segunda vez em pouco mais de dois anos que a Nippon Steel faz movimentos para fortalecer sua posição e deter maior fatia de participação acionária dentro da Usiminas. A companhia japonesa informou que a compra visa atender melhor a demanda dos clientes na América do Sul.

VEÍCULO: Valor

Seção: Economia

Autor: Vera Saavedra Durão, do Rio

Data: 04/03/2009

Título: Vale vende ações na Usiminas por R\$ 594 milhões

A Vale do Rio Doce informou, em seu relatório de resultados de 2008, que o conselho de administração da companhia aprovou a proposta da diretoria de venda de sua participação de 5,9% no capital da Usiminas. Cada ação ordinária, num montante de 14.869.368 papéis, foi negociada ao preço de R\$ 40. Dessa forma, o negócio rendeu para a Vale uma receita de R\$ 594 milhões.

Ontem, a ação ordinária da Usiminas na Bovespa fechou em R\$ 23,35, tendo subido 2,41%. Em maio de 2008, quando a Vale anunciou sua disposição de vender os papéis, a cotação da ON da Usiminas era de R\$ 84,63 na média mensal. O equivalente a 47,26% do valor fixado para venda da fatia da Vale na siderúrgica, de R\$ 40 por ação.

A operação de venda foi fechada com a siderúrgica japonesa Nippon Steel, que integra com outras companhias japonesas o bloco de controle da Usiminas, somando 24,7% de participação no seu capital ordinário. Dois outros acionistas do bloco controlador, os grupos Votorantim e Camargo Corrêa, deverão exercer seus direitos de preferência no negócio, proporcional às suas participações no capital da siderúrgica. Eles têm até

60 dias para anunciar sua decisão.

Fechada a operação, o grupo japonês liderado pela Nippon deverá ficar com 27% do capital votante da Usiminas e as companhias Votorantim e Camargo com 26,7%. Com isso, a fatia dos dois grupos brasileiros, que era de 23,1%, aproxima-se mais da participação dos grupos japoneses. O clube dos empregados da Usiminas, que detém 10,1% no capital da siderúrgica mineira, não deverá acompanhar os demais sócios por restrições da Secretaria de Previdência Privada (SPC), que limita os investimentos em renda variável dos negócios de fundos de pensão. **(Colaborou Ivo Ribeiro, de São Paulo).**

VEÍCULO: Valor

Seção: Economia

Autor: Vera Saavedra Durão, do Rio

Data: 04/03/2009

Título: Níquel perde valor e Vale anuncia 900 demissões

A Companhia Vale do Rio Doce voltou a demitir. Desta vez foram anunciados cortes de 900 empregos na subsidiária canadense ValeInco, produtora de níquel, que tem mais de 14 mil funcionários em todo o mundo. "Infelizmente as decisões anunciadas são necessárias nestes tempos de exceção", disse em nota Tito Martins, presidente da ValeInco, destacando que as medidas anunciadas ontem visam manter a saúde imediata da empresa em decorrência da queda da demanda e dos preços do níquel. Os cortes, segundo a nota da companhia, concentram-se em áreas corporativas, de gestão e de suporte aos negócios, com eliminação de vagas nas várias unidades da empresa no mundo.

Este foi o segundo corte de pessoal realizado pela Vale desde a deflagração da crise econômica em setembro, quando os preços das commodities despencaram e a procura pelo metal teve forte recuo. Em dezembro a Vale demitiu 1,3 mil pessoas em todo o mundo. Desde então, 800 funcionários foram transferidos de unidades, 5,5 mil colocados em férias coletivas até janeiro (já retornaram), 1 mil entraram em férias coletivas em fevereiro, 390 empregados estão com suspensão temporária de contrato de trabalho e 125 entraram em licença remunerada em fevereiro. Ontem, mais 125 foram comunicados que irão entrar em licença remunerada. Em nota, a assessoria da Vale no Brasil garantiu que "não há planos de novos desligamentos no país". Ela firmou acordo com 15 sindicatos que representam 38 mil empregados para manter o nível de

emprego até 31 de maio.

Pedro Galdi, analista da SLW Corretora, não ficou surpreso com as demissões na ValeInco, pois o níquel chegou ontem a uma cotação de US\$ 9,73 mil a tonelada na London Metal Exchange (LME), uma queda de quase 70% da cotação do metal nos últimos 12 meses. Em 3 de março de 2008 o metal era cotado para venda em três meses a US\$ 32,2 mil a tonelada. Galdi destacou que o patamar de preço de R\$ 9 mil a tonelada é o de "equilíbrio" do níquel entre o preço de custo e o de venda. "Sempre que chega a este nível de preço as empresas anunciam algum ajuste pois a atividade começa a ficar perigosa em termos de retorno do negócio".

O analista lembrou que em novembro, quando o preço do níquel despencou, a Vale anunciou cortes de produção de 20% na refinaria da Indonésia e reduziu em 35% a produção do metal em Dalian, na China. Além disso, parou a mina de Copper Cliff South, no Canadá; decidiu suspender, em julho, as operações da mina de Voisey's Bay; e anunciou um Programa de Demissão Voluntária na ValeInco. A Vale também disse que postergou em 12 meses o início do projeto Copper Cliff Deep, um investimento de US\$ 814 milhões e adiou o projeto de Vermelho, no Brasil.

Em 2007, o níquel respondeu por 29,7% da receita da Vale. No ano passado, a cotação caiu de US\$ 29 mil a tonelada na média do primeiro trimestre para US\$ 10,9 mil a tonelada no último trimestre, encolhendo a participação do metal na receita bruta para 14,5%.

VEÍCULO: Gazeta Mercantil

Seção: Economia

Autor: Sabrina Lorenzi e Luciana Collet

Data: 04/03/2009

Título: Vendas de minério cresceram 16% entre janeiro e fevereiro

4 de Março de 2009 - Enquanto as vendas de níquel esfriam e levam à demissão de centenas de funcionários da Companhia Vale do Rio Doce no exterior, o mercado de minério de ferro da companhia volta com fôlego. As exportações da matéria-prima no Brasil (maciçamente da Vale) cresceram 16% em fevereiro sobre janeiro, de acordo com relatório do Goldman Sachs baseado em informações da Secretaria de Comércio Exterior (Secex). A mineradora não comenta o assunto, mas já havia previsto uma forte retomada das vendas de minério para a China no primeiro trimestre deste ano.

"Podemos ver que os dois primeiros meses deste ano mostram que as vendas do minério brasileiro estão se recuperando", disse Marcelo Aguiar, vice-presidente do banco de investimentos para a área de mineração, que assina o relatório. Segundo ele, o volume de minério vendido no primeiro trimestre historicamente costuma ser baixo,

mas dado o pessimismo do final de 2008, as vendas serão relativamente expressivas. Em relação ao mesmo período de 2008, porém, houve recuo de 20% nas vendas de minério para o exterior, já que o cenário era absolutamente diferente antes da crise financeira mundial.

Segundo o especialista, os embarques serão de 50 milhões de toneladas até março. No último trimestre de 2008, foram 55 milhões de toneladas. Para o segundo trimestre, o Goldman Sachs estima que as vendas alcançarão 59 milhões de toneladas - praticamente a retomada dos níveis anteriores à crise. Aguiar ressaltou que por ora a recuperação da demanda acontece apenas na China. No segundo trimestre, o movimento deve ser seguido pela Europa, disse.

Demissões na Vale Inco

A insistente queda no preço do níquel, resultado da queda da demanda e do aumento dos estoques, levou a Vale Inco a anunciar a demissão de 900 empregados em todo o mundo. Segundo a empresa, os cortes estão concentrados nas áreas corporativa, de gerenciamento e em funções de suporte ao negócio. A Vale ressaltou que não há plano de novos desligamentos no Brasil. "Infelizmente, as difíceis decisões anunciadas hoje são necessárias nestes tempos de exceção", afirmou, em comunicado, o presidente da Vale Inco, Tito Martins. "A queda nos preços do níquel e a redução na demanda pelo metal tornam claro que continuar a operar da maneira como operamos atualmente simplesmente não é sustentável."

O preço do níquel acumula queda de 80,9% desde o pico de US\$ 51 mil a tonelada, de maio de 2007, e foi cotado ontem a US\$ 9,73 mil a tonelada na Bolsa de Metais de Londres (LME). Em 2008, a menor cotação do metal já afetou os resultados da Vale. Apesar do recorde de vendas de níquel, a receita com o metal caiu 46,4%, para US\$ 10,5 bilhões. (Gazeta Mercantil/Caderno C - Pág. 1)

VEÍCULO: Valor

Seção: Empresas & Tecnologia

Autor: Ivo Ribeiro, de São Paulo

Data: 05/03/2009

Título: Usiminas paralisa operação de alto-forno em Cubatão

A Usiminas decidiu nesta semana paralisar a partir do próximo dia 9, por tempo indeterminado, o alto-forno nº 1 da usina de Cubatão, na baixada santista. Com isso, a companhia passará a ter três unidades de produção paradas, das cinco que opera. Em dezembro, duas instalações da usina de Ipatinga, em Minas Gerais, foram paralisadas e entraram em processo de reforma.

Leo Drummond / Valor



Castello Branco, presidente:

preocupado com aumento das importações e com a elevada perda de vendas das usinas

"Não vemos entrada de pedidos suficientes dos consumidores nem sinais mais consistentes da demanda no segundo trimestre", afirmou Marco Antônio Castello Branco, presidente da empresa, ao Valor. Com a nova medida, a Usiminas reduz sua capacidade total de aço bruto ao nível de 50% - até agora estava operando entre 60% e 70% -, para pouco mais de 4 milhões de toneladas ao ano. "Até fevereiro, ainda apostamos no revigoramento do mercado, principalmente pelo efeito Obma (Barack, presidente dos EUA, que tomou posse em 20 de janeiro), mas isso não aconteceu", disse o executivo.

A Usiminas não está sozinha. A Cia. Siderúrgica Nacional (CSN), outra produtora nacional de aços planos, conforme informações, também vai paralisar um alto-forno, o de nº 2, a partir do próximo dia 15 pelo período de 40 dias. A instalação responde por cerca de 40% da produção da usina de Volta Redonda (RJ), da ordem de 5,6 milhões de toneladas por ano.

Segundo Castello Branco, a Usiminas ainda enfrenta demanda deprimida, queima de estoques em poder dos consumidores e, para complicar a situação, a concorrência de aço importado. Ele estima que a siderúrgica fará vendas no trimestre ao redor de 1 milhão de toneladas, metade do volume normal da empresa nos últimos anos em igual período. "A situação não é nada boa", comentou.

Em janeiro, para um consumo aparente de 612 mil toneladas de aço plano no país, que foi 46% inferior ao do mesmo mês em 2008, as importações responderam por 150 mil toneladas, informou o executivo. "Houve um crescimento de 46%, que fugiu completamente aos padrões de antes". Ele apontou que em 2007 a média foi de 5%, em 2008, de 7,5%, e em janeiro deste ano saltou para 19%.

Por conta disso e da depressão do mercado, o setor, representado pelo Instituto Brasileiro de Siderurgia (IBS), esteve esta semana no Ministério da Fazenda. Conforme Castello Branco, foi uma visita para esclarecer e alertar as autoridades (grupo de gestão da crise) sobre possíveis práticas desleais de entrada de aço e chamar atenção para uso de instrumentos que possam evitar isso. "A siderurgia do país começa a ser atacada pela penetração de material de fora, principalmente da China", afirmou.

Em 2005, o governo zerou as alíquotas de importação de uma cesta de 15 tipos de aços planos. O setor pediu o retorno do índice de 14%, mas não foi atendido.

O executivo, à frente da Usiminas desde junho, disse que por conta dos ajustes feitos com o aprofundamento da crise, em outubro, já teve de cortar 700 pessoas em Cubatão e Ipatinga (entre aposentados e aposentáveis). Com a nova medida, busca formas de amenizar decisões semelhantes com aproveitamento de funcionários em

obras de expansão, já em fase adiantada, na própria usina.

"Estamos enfrentando uma queda drástica de demanda no país", disse, observando que a perda de venda do setor, considerando as importações, chega a 55%, comparando janeiro deste ano com o mesmo mês de 2008. "O que resolvemos foi ser mais severos e cortar a produção, usar mais estoques de material semi-acabado (placas) nas usinas e apertar a gestão do capital de giro". Os estoques são hoje o dobro do normal.

Na visão de hoje, afirmou, não vislumbra recuperação de demanda no próximo trimestre acima de 25% sobre o trimestre atual.

VEÍCULO: O Globo

Seção: Economia

Autor: O Globo

Data: 06/03/2009

Título: Usiminas e CSN reduzem produção com queda da demanda

Duas das maiores siderúrgicas do país, a Usiminas e a CSN, anunciaram que vão reduzir drasticamente a produção de aço a partir da próxima semana. Na segunda-feira, dia 9, a Usiminas desligará por 90 dias um dos dois altos-fornos da usina de Cubatão, na Baixada Santista. A empresa diz que a paralisação é necessária para adequar a produção ao ritmo atual de demanda do mercado. Em dezembro, a Usiminas já havia paralisado dois altos-fornos em Ipatinga (MG). Com a parada em Cubatão, agora, passará a operar na faixa de 50% e 60%.

Já a CSN antecipou a manutenção do alto-forno número dois da usina de Volta Redonda. A partir do dia 15, com o desligamento do alto-forno, a CSN terá sua produção reduzida em 40% durante 45 dias. A Usiminas tenta ainda negociar a flexibilização de jornada e salários naquela unidade. (Aguinaldo Novo e Ronaldo D'Ercole)

VEÍCULO: Valor

Seção: Economia

Autor: Chico Santos, do Rio

Data: 09/03/2009

Título: Usiminas vai adiar construção de nova usina

A Usiminas, que na semana passada anunciou a paralisação de mais um, o terceiro, dos seus cinco altos-fornos, vai atrasar também a execução do seu mais importante

projeto, a construção de uma nova usina, com capacidade inicial para 2,5 milhões de toneladas de aço bruto (primeira fase). Embora a empresa ainda não tenha assumido publicamente, a entrada em operação da unidade, que será construída em Santana do Paraíso (MG), nas proximidades da usina de Ipatinga, só deve entrar em operação em 2012 e não mais em 2011, como estava previsto anteriormente.

Em resposta a um pedido de informação do Valor, a empresa disse que "está analisando alterações na especificação dos equipamentos e no cronograma de implantação, além da simplificação do "layout" da nova planta". A empresa informou ainda que a execução do projeto está mantida, mas que, "devido à retração da demanda no consumo de aço verificada a partir do último trimestre de 2008, aos atuais movimentos do mercado e à nova realidade internacional" ela informou aos seus fornecedores que "está reavaliando os prazos de negociações comerciais" para a construção da usina. A empresa não quis revelar detalhes de prazos.

Para as empresas de tecnologia em equipamentos siderúrgicos sediadas no Brasil, a mudança significa que não haverá encomendas dos componentes da usina ainda este ano, conforme lhes vem sinalizando a siderúrgica. Este mercado, formado em grande parte por empresas com matrizes na Europa, recebeu a informação com um misto de pesar e alívio.

Pesar porque era uma das poucas perspectivas de encomendas que o setor tinha para este ano, em termos de obra de grande porte. E alívio porque a marcha das negociações estava indicando que a Usiminas iria adquirir todos os equipamentos mais importantes, como alto-forno, coqueria e outros, na China. Com o adiamento das contratações, os fornecedores ganharam tempo e esperam chegar ao final do ano em condições de superar as propostas dos chineses.

No começo de novembro do ano passado, a Usiminas, já preocupada com a queda da demanda mundial por aço, chegou a sondar o mercado interno sobre a possibilidade de assinar contratos, garantindo as encomendas e dando uma folga de seis meses para o início das obras, desde que houvesse vantagens nos preços. Foi a primeira forma que a empresa encontrou para dizer que o orçamento inicial teria que ser revisto.

A usina de Santana do Paraíso foi projetada a um custo de US\$ 5,7 bilhões para sua versão acabada, com capacidade de produzir 5 milhões de toneladas de aço por ano. Pelo cronograma inicial, a primeira etapa, de 2,5 milhões de toneladas, entraria em operação em 2011, e a segunda, idêntica, em 2012. No início de janeiro, a empresa informou a Valor que a segunda parte do projeto seria adiada por dois anos, para 2014.

Em entrevista ao jornal na semana passada sobre a paralisação do alto-forno nº 1 da usina de Cubatão (SP), o presidente da Usiminas, Marco Antonio Castello Branco, justificou a medida dizendo que não via entrada de pedidos de consumidores em quantidade suficiente para manter a operação e também que não via "sinais consistentes" de aumento da demanda no segundo trimestre deste ano.

Com a paralisação do alto-forno, prevista para hoje, a Usiminas reduz em 50% sua capacidade instalada de produção de aço bruto, de 9,5 milhões de toneladas por ano, operando com cerca de 4 milhões de toneladas de produtos finais. Com a parada das duas unidades de Ipatinga, já vinha operando no ritmo de 60% a 70%.

VEÍCULO: O Globo

Seção: Economia

Autor: Ronaldo D'Ercole e Bruno Villas Bôas

Data: 19/03/2009

Título: Usiminas prepara novas demissões

Cortes serão em Minas e SP devido à queda da demanda, diz presidente

SÃO PAULO e RIO. Operando com apenas 50% de sua capacidade desde o início deste mês, a Usiminas já demitiu cerca de 700 funcionários este ano e prepara novos cortes de pessoal. Segundo o presidente da siderúrgica, Marco Antonio Castello Branco, não há um número específico para essa "adequação do efetivo" de empregados à nova realidade de demanda do mercado, mas ela atingirá suas unidades em Ipatinga (MG) e Cubatão (SP).

- Não tem receita econômica para sustentar isso. Mas vamos fazer da maneira mais justa socialmente. Não é fácil, desemprego é desemprego - disse Castello Branco ontem, durante a apresentação da nova marca que irá unificar todos os negócios do grupo.

CSN mil pode em demitir Volta mais Redonda

Em Cubatão, onde tem 5.500 empregados diretos, a Usiminas já demitiu 413 e negocia com o Sindicato dos Metalúrgicos medidas de flexibilização para minimizar os cortes. As negociações são acompanhadas pelo Tribunal Regional do Trabalho (TRT). Se forem considerados os empregos diretos naquela unidade, mais de três mil pessoas já foram demitidas, segundo o sindicato. Atualmente, a Usiminas tem cerca de 30 mil funcionários e, dos cinco altos-fornos de suas duas usinas de processamento de aço, três estão paralisados.

- Não há previsão de volta da operação dos altos-fornos, que serão religados de acordo com a recuperação da demanda - disse o executivo.

Dos US\$14 bilhões que a empresa planejava investir até 2014, acrescentou, R\$4

bilhões serão desembolsados este ano, em projetos já em andamento. O restante - inclusive US\$6,1 bilhões que seriam investidos numa nova usina para a produção de placas, em Santana do Paraíso (MG) - está suspenso.

Já a Companhia Siderúrgica Nacional (CSN) poderá demitir em 30 dias mais mil empregados na Usina Presidente Vargas, em Volta Redonda, disse ontem o sindicato dos metalúrgicos local. Desde setembro, a CSN teria mandado embora 1.300 dos oito mil funcionários da unidade. Segundo o presidente do sindicato, Renato Soares, as demissões seriam concentradas no alto-forno 2, que entrará em manutenção no próximo dia 22.

O índice de vendas elaborado pela Associação Brasileira da Indústria de Materiais de Construção (Abramat) apresentou queda de 18,5% no acumulado do primeiro bimestre deste ano. Na comparação com fevereiro de 2008, ocorreu uma retração de 21,4%. Apesar do resultado, no acumulado dos últimos 12 meses houve crescimento de 7,4%.

VEÍCULO: Valor**Seção: Economia****Autor: Ivo Ribeiro e Vanessa Daez*, de São Paulo****Data: 19/03/2009****Título: Usiminas dobra uso de minério próprio**

A Usiminas está ampliando o uso de minério de ferro de minas próprias, adquiridas no ano passado, na fabricação de aço em usinas de Ipatinga (MG) e Cubatão (SP). Neste ano, segundo informou o presidente da empresa, Marco Antônio Castello Branco, o volume deverá atingir 2,2 milhões de toneladas, o dobro do ano passado. Esse montante vai representar 22% da demanda da siderúrgica sediada em Belo Horizonte, que ontem, em São Paulo, lançou sua nova marca e uma nova reorganização de seus negócios.

Atualmente, por conta da forte retração na demanda interna e nas exportações, a empresa opera apenas com dois altos-fornos, responsáveis por 50% da capacidade instalada total, de 9,5 milhões de toneladas de aço por ano. Os demais - dois em Ipatinga e um em Cubatão - estão paralisados.

O minério para a usina paulista, que ficará com cerca de 1,9 milhões de toneladas, é transportado desde Minas, onde estão as operações que eram da J. Mendes (compradas pela siderúrgica há um ano) em trens da MRS. Já para Ipatinga, onde é abastecida por minério e ferrovia (Vitória a Minas) da Vale, a Usiminas está levando seu minério de ferro em caminhões. O volume alcançará cerca de 300 mil toneladas.

O maior uso de minério próprio, diz Castello Branco, representa menor custo da matéria-prima, pois os preços atuais, com 70% de aumento, ainda vigoram até fim de março e a queda do valor a ser praticado em 2009, na sua avaliação, não deverá passar de 15%. Além disso, observou, por conta da retração dos mercados globais, a Vale deixou de retirar minério contratado com a J. Mendes, em acordo que vigora até 2012. "Com esses fatores, a solução foi ampliar o uso em nossos altos-fornos".

O executivo informou que a queda de consumo aparente do mercado brasileiro de aço, de produtos planos, será de 17% neste ano, de mais de 12 milhões de toneladas para bem menos de 10 milhões. "É algo nunca visto antes no país", desabafou o executivo. Ele afirmou que só será possível enxergar o início da retomada do crescimento do setor no quarto trimestre do ano. "Não observamos a recuperação que imaginávamos".

Diante desse cenário, os investimentos estão sendo revisados e, em muitos casos, reduzidos para enfrentar a desaceleração da demanda. "O mercado interno vai mal e o externo simplesmente não existe mais", enfatizou. O plano de US\$ 6,1 bilhões, para nova usina de placas, de 5 milhões de toneladas em duas fases, entrou em reavaliação. "Não vamos entrar numa aventura desse tamanho sem ter uma visão de longo prazo, que hoje não passa de uma semana", disse. O executivo acha que os preços do aço, que tiveram quedas na faixa de 50%, já estão próximo do fundo do poço. "Até o fim do ano espero ver os resultados desta mudança da marca da Usiminas e uma melhora no setor como um todo".

Para retratar uma nova era da empresa, com gestão mais ágil, a Usiminas lançou uma nova marca e nova estrutura de negócios, integrados com a estratégia da companhia. A Usiminas está investindo R\$ 4 milhões no projeto, encomendado à Interbrand. Inclui mídia e publicidade. O plano original previa R\$ 30 milhões. ***Valor Online**

VEÍCULO: Valor

Seção: Economia

Autor: Vera Saavedra Durão, do Rio

Data: 19/03/2009

Título: Crise reduz negócios entre mineradoras

A crise surgida após o colapso do Lehman Brothers atingiu brutalmente os negócios de fusão e aquisição na mineração. Até setembro, o setor vivia uma era de bonança nunca vista antes, que propiciou volumes de negócios próximos dos níveis recordes de 2007. No ano passado, duas consolidações da ordem de US\$ 250 bilhões por pouco não se efetivaram, a compra da Rio Tinto pela BHP Billiton e a incorporação da Xstrata pela Companhia Vale do Rio Doce. Mesmo assim, segundo estudo Mining Deals 2008 da PricewaterhouseCoopers, 2008 movimentou US\$ 153,4 bilhões entre fusões e aquisições no setor, com queda de apenas 4% ante os US\$ 158,9 bilhões de 2007.

O tranco veio forte no quarto trimestre, quando o valor das operações a nível global desabou 61%, para voltar ao patamar de 2005 empurrado pela queda nos preços das

commodities e a falta de crédito. A partir de meados de setembro o mercado parou, o que não ocorria desde 2004 com o crescimento do setor de mineração sustentado pela demanda asiática. Ronaldo Valiño, sócio da Price e líder da área de mineração no Brasil, disse que a paralisia deve contaminar 2009. "O cenário para o ano em curso é de poucas negociações e várias transações abaixo de US\$ 1 bilhão em função da queda do valor dos ativos, falta de liquidez no mercado e dificuldade de mensurar o valor das empresas."

No primeiro trimestre, segundo ele, ocorrem coisas pontuais, como deve acontecer no ano inteiro. Oportunidades de negócios de aquisições estão surgindo com ativos da Rio Tinto, que foram colocados à venda em vários países, mas em patamares de preços bem diferentes do que eram os de dois anos atrás. Mas, fusões e aquisições bilionárias como se viu em 2007 e 2006, ano em que a Vale pagou US\$ 18 bilhões pela Inco, por exemplo, durante um bom tempo vamos deixar de ver, diz Valiño. A seu ver, os consolidadores nestes tempos de crise já estão à vista. São mineradoras capitalizadas como a Vale e a BHP Billiton e as empresas chinesas, que precisam de matéria-prima e estão aproveitando para comprar ativos baratos já que são estatais e não precisam dar satisfações a seus acionistas.

Em fevereiro, a Vale comprou ativos da Rio Tinto no Brasil, Argentina e Canadá e a chinesa de alumínio Chinalco fez uma grande proposta de US\$ 19,5 bilhões para aumentar sua participação no capital da empresa. A China Minmetals também apresentou oferta de US\$ 2,5 bilhões pela Oz Minerals, e há em curso uma operação de investimento de US\$ 900 milhões da Hunan Valin sobre a Fortescue, relatou Valiño. O executivo da Price concorda com Tim Goldsmith, líder global na área de mineração da consultoria, para quem estamos vivendo um ambiente de negociações singular que vai modificar o comando das organizações. "A inconstância no preço das commodities, combinada com os entraves da crise financeira, deixou o setor polarizado entre forte e fraco", diz no relatório da Price.

O estudo da consultoria revela que apesar do cenário negativo no final de 2008 para os negócios do setor, alguns países como o Brasil e a China seguiram na contramão e alcançaram números positivos. De acordo com o levantamento da Price, o crescimento das operações na América do Sul foi relevante, passando de US\$ 8,7 bilhões em 2007 para US\$ 22,8 bilhões, em 2008. O Brasil respondeu por US\$ 17,7 bilhões do total. O resultado mostra crescimento contínuo dos negócios no país, que em 2007 registrou volume de operações de US\$ 3,6 bilhões. Na China, o aumento das fusões e aquisições foi acentuado, de US\$ 6,7 bilhões em 2007 para US\$ 25,5 bilhões, em 2008. O relatório indica que o desenvolvimento da indústria de mineração na China é uma tendência que se estende para os próximos anos, incluindo 2009.

Ronaldo Valiño atribuiu o crescimento no Brasil à riqueza em minério de ferro que existe no país, que gerou negócios expressivos no ano passado, como a compra das minas da MMX pela Anglo American. Para ele, o movimento de verticalização das siderúrgicas ajudou a esquentar o mercado brasileiro, mas a estabilidade política do país e da América do Sul também atraiu os investidores.

VEÍCULO: Gazeta Mercantil**Seção: Economia****Autor: Luciana Collet e Carina Urbanim/InvestNews****Data: 19/03/2009****Título: Usiminas prevê ano difícil, mas investe R\$ 2,9 bilhões**

19 de Março de 2009 - Em um cenário de crise econômica e inversão do ciclo de alta da siderurgia mundial, a Usiminas lançou ontem sua nova identidade visual, que visa a fortalecer a imagem da companhia, de acordo com a nova cultura empresarial que a direção atual quer implementar em todas as empresas do grupo, que valoriza as características positivas e busca inserir outras qualidades. "O atual estresse econômico afeta as empresas, mas motiva a Usiminas a agir, a se adaptar ao mundo em transformação para dar repostas à demanda produtiva, econômica e social", disse o presidente da empresa, Marco Antônio Castello Branco.

A agilidade na tomada de decisões, que já foi objeto de crítica por parte de alguns sócios, parece ser uma das primeiras qualidades que a empresa está incorporando. Desde setembro, quando a siderúrgica vislumbrou a posterior queda da demanda, a siderúrgica iniciou um projeto de redução de custos operacionais. A Usiminas avalia um potencial de cortes de R\$ 1,2 bilhão. Desse total, R\$ 400 milhões já foram identificados, algumas ações já estão sendo implementadas e gerando economia, disse o executivo. Além disso, a empresa reviu o plano de investimentos.

Até mesmo o custo da campanha de divulgação da nova logomarca foi reduzido, de R\$ 30 milhões para R\$ 4 milhões. "Prevíamos uma maior exposição na mídia, mas hoje é inviável", disse o executivo, acrescentando que aproveitará a publicação do balanço para divulgar a nova marca. Além disso, cartões de visita e uniformes ó serão trocados à medida que forem surgindo demanda de uso.

Investimentos de R\$ 4 bi

Segundo Castello Branco, a Usiminas vai investir neste ano cerca de R\$ 4 bilhões, ante os R\$ 5 bilhões inicialmente previstos. Deste total, R\$ 2,9 bilhões em manutenção e projetos de expansão já em andamento. O restante será aplicado na conclusão da compra da distribuidora gaúcha Zamprogn. A empresa postergou o seu principal projeto de expansão: a construção da nova usina de placas em Santana do Paraíso (MG), cujas obras, ao custo de US\$ 5,7 bilhões, deveriam iniciar este ano e ser concluídas em 2011.

Inicialmente previsto para ter 5 milhões de toneladas, após o acirramento da crise, no final de 2008, o projeto foi revisto para ser realizado em duas etapas, de 2,5 mil toneladas cada uma. Agora, está sob nova análise, sem data precisa para ser iniciado. "A revisão é natural, não dá para descolar da realidade", disse Castello Branco. Ele afirmou que a empresa vai precisar de mais capacidade no futuro, mas os investimentos são feitos utilizando 50% de caixa e 50% de financiamentos. "O crédito está escasso e vamos gerar

menos caixa, porque estamos operando a 50% da capacidade."

Por isso, a prioridade foi dada ao novo laminador de tiras a quente em Cubatão (SP), que deverá produzir 2,3 milhões de toneladas anuais, à ampliação da produção de galvanizados em 550 mil toneladas anuais, ambos a serem concluídos em 2011, e à nova coqueria, que deverá entrar em operação até o final deste ano. Além disso, também será realizada a primeira fase de expansão da mineração, para 10,5 mil toneladas anuais.

O ano de 2009 deverá ser muito ruim para o setor de siderurgia, avaliou o presidente da Usiminas. "Inicialmente esperava uma recuperação a partir do segundo trimestre do ano, mas já revi essa avaliação e acho que isso não vai acontecer antes do quarto trimestre", disse, explicando que a demanda caiu drasticamente, tanto no mercado nacional quanto no exterior. "As nossas exportações estão abaixo do esperado", disse. A previsão da companhia é produzir este ano entre 10% e 15% menos do que foi produzido em 2008, quando a Usiminas produziu 8 mil toneladas de aço. As margens também cairão, com a queda das vendas e dos preços.

As vendas menores já obrigaram a empresa a paralisar três de seus cinco alto-fornos, o que acarretou na demissão de 700 pessoas.

Castello Branco ressaltou que as importações são um fator de alto risco para o setor. "O consumo interno aparente de aço recuou cerca de 4,% nos últimos meses. Já as importações avançaram. Se o consumo cai e as importações crescem, nós temos que produzir menos", afirmou, defendendo a alíquota de importação de aço para proteger o setor da concorrência desleal com os produtos chineses.(Gazeta Mercantil/Caderno C - Pág. 1)(Luciana Collet e Carina Urbanim/InvestNews)

VEÍCULO: Estado de São Paulo

Seção: Economia

Autor: Estadão

Data: 20/03/2009

Título: Usiminas transfere projeto de aeroporto

Após forte pressão de entidades ambientalistas, a siderúrgica Usiminas anunciou ontem a transferência do projeto de construção de um novo aeroporto no Vale do Aço mineiro da cidade de Bom Jesus do Galho para Belo Oriente. O projeto original previa que o empreendimento fosse erguido ao lado do Parque Estadual do Rio Doce, considerado a última reserva intacta de mata atlântica de Minas Gerais. Com investimento inicial de R\$ 78,8 milhões, a obra seria numa área bem próxima à divisa com o parque. O empreendimento previa pista de até 2,6 mil metros que seria construída até agosto deste ano.

VEÍCULO: Jornal do Brasil**Seção: Economia****Autor: JB****Data: 26/03/2009****Título: Vale investirá US\$ 1,3 bi na África**

A Vale vai anunciar na sexta-feira investimentos de US\$ 1,3 bilhão em Moçambique, para a exploração de carvão. Para isso, a empresa exigiu a contratação de 20 empresas brasileiras para atender à mineradora – entre as quais, Odebrecht e Camargo Corrêa. No mês passado, a Vale anunciou lucro líquido de R\$ 21,279 bilhões no acumulado de 2008, com avanço de 6,36% sobre 2007. Foi o sexto ano seguido que a empresa conseguiu elevar o lucro sobre o ano anterior. O resultado do quarto trimestre foi de R\$ 10,449 bilhões, o que representa avanço de 136,8% sobre o mesmo período do ano anterior. Entretanto, o ganho recuou 15,96% sobre o terceiro trimestre do ano passado, ao indicar os primeiros efeitos da crise financeira internacional sobre as atividades da empresa.

VEÍCULO: Gazeta Mercantil**Seção: Economia****Autor: Luciana Collet****Data: 26/03/2009****Título: Vale fecha contratos para iniciar obras em Moatize**

São Paulo, 26 de Março de 2009 - A Companhia Vale do Rio Doce e a ABB acertaram um contrato para a o fornecimento de uma solução elétrica e de automação para a mina de carvão que a mineradora vai construir em Moatize, na província de Tete em Moçambique. O valor da encomenda é de US\$ 32 milhões. A Vale lança no final desta semana a pedra fundamental do projeto, cujo custo era estimado, em outubro de 2008, em US\$ 1,4 bilhão, dos quais US\$ 444 milhões eram previstos para serem aplicados 2009. Contratos com outros fornecedores, entre os quais 20 empresas brasileiras, como a Odebrecht e a Camargo Corrêa

O projeto acertado com o governo de Moçambique em meados de 2007 terá capacidade nominal de produção de 11 milhões de toneladas por ano, sendo 8,5 milhões de toneladas de carvão metalúrgico e 2,5 milhões de toneladas de carvão térmico. A estimativa é que as obras levem 36 meses. Desde meados do ano passado, a mineradora já detinha todas as licenças do governo de Moçambique para a construção da mina de Moatize, no entanto, o início do desenvolvimento do projeto dependia do término de negociações relativas ao transporte ferroviário dos produtos e ao porto de embarque.

Segundo a ABB, os equipamentos a serem fornecidos irão maximizar a eficiência do processo de produção de carvão e a eficiência energética. A empresa já forneceu soluções para diversas outras minas de carvão, em campo a céu aberto, na Alemanha, Leste Europeu, América do Sul, e também em minas subterrâneas, especialmente na China.

A mineradora brasileira é um cliente da ABB com conta corporativa global. Entre os destaques, o que significa que a empresa possui uma equipe dedicada para desenvolver projetos para a mineradora. "um cliente do tamanho da Vale, que demanda um escopo de atuação amplo, requer um atendimento, planejamento e controle mais efetivo. E é esse o ponto que diferencia a ABB: temos larga experiência nos processos de mineração e desenvolvemos nossos projetos como um parceiro que proporcionará melhoria de produtividade para os negócios da Vale", afirmou o gerente da conta, José Maria Moreira.

Investimento crescente

A mineradora quer se tornar um grande produtor mundial de carvão. O processo é complementar ao de minério de ferro, já que são as duas principais matérias-primas para a produção de aço. Além disso, do ponto de vista logístico, os navios que levam o minério brasileiro da Vale, para Europa ou Ásia poderiam voltar com carvão, insumo que as siderúrgicas brasileiras precisam importar.

Somente neste ano, a Vale planeja investir US\$ 808 milhões no mineral, ou 5,7% dos US\$ 14,2 bilhões orçado para 2009. Além do projeto de Moatize, a mineradora também está desenvolvendo projetos na Austrália, adquiridos no primeiro semestre de 2007. Entre os investimentos estão a de expansão da capacidade da mina subterrânea de Carborough Downs, no Central Queensland, na Austrália. Esse projeto elevará a capacidade nominal da mina para 4,8 milhões de toneladas por ano em 2011, ante os atuais 1 milhão de toneladas e possui investimento estimado de US\$ 330 milhões, dos quais US\$ 138 milhões serão gastos em 2009, informou a mineradora em outubro do ano passado.

US\$ 577 milhões

Em 2008, a Vale faturou US\$ 577 milhões com a venda de carvão. O ano passado foi o primeiro em que as operações de carvão foram consolidadas integralmente no balanço da com-panhia. A receita bruta com o mineral totalizou US\$ 577 milhões, dos quais US\$ 457 milhões provenientes de vendas de carvão metalúrgico e US\$ 120 milhões de carvão térmico.

Os embarques de carvão foram de 4,08 milhões de toneladas métricas, compostos de 2,68 milhões de toneladas métricas de carvão metalúrgico e 1,4 milhão de toneladas métricas de carvão térmico.

O preço médio realizado com a venda de carvão metalúrgico no ano passado foi de US\$ 170,55 por tonelada métrica, o que representa crescimento de 153,2% na comparação com o exercício anterior. O preço médio do carvão térmico foi de US\$ 85,38 por tonelada métrica em 2008, o que significa um aumento de 58,9% sobre a média registrada em 2007.

(Gazeta Mercantil/Caderno C - Pág. 3)(Luciana Collet)

VEÍCULO: O Globo**Seção: Economia****Autor: Danielle Nogueira** Enviada especial**Data: 27/03/2009****Título: Vale investe em energia em Moçambique**

MAPUTO, Moçambique. As brasileiras Vale e Camargo Corrêa pretendem investir até US\$ 4,8 bilhões em projetos de energia em Moçambique, informou ontem o ministro de Energia do país, Salvador Namburete. O valor representa 65% dos US\$ 7,3 bilhões que serão investidos em geração energética nos próximos anos. Segundo o governo moçambicano, a Vale prevê a construção de uma térmica a carvão que pode chegar a dois mil MW e que consumirá até US\$ 2,8 bilhões. O carvão virá da mina de Moatize, norte de Moçambique, projeto de US\$ 1,3 bilhão cuja pedra fundamental será lançada hoje pela mineradora.

Já a Camargo Corrêa investirá cerca de US\$ 2 bilhões em uma hidrelétrica que pode chegar a 2.400 MW.

Os dois projetos de energia se somam a mais uma térmica a carvão (dois mil MW), avaliada em US\$ 1,5 bilhão e que será construída pela australiana Riversdale, e uma hidrelétrica ainda sem capacidade definida. O governo busca parceiros privados para dividir o custo estimado de US\$ 1 bilhão deste projeto e será acionista minoritário em todos os outros.

A maior parte da energia gerada nos quatro empreendimentos será exportada para países vizinhos, como África do Sul e Zimbábue, como já é feito hoje. Em Moçambique, apenas 14% dos 20 milhões de habitantes têm acesso à energia elétrica.

Uma parte significativa da energia também será canalizada para municípios no Sul de Moçambique, como Maputo e Matola, que concentram de 60% a 70% da indústria nacional.

O objetivo do governo é atrair investimentos para a região.

Hoje, o país depende quase integralmente da hidrelétrica de Caborabaça, localizada na província de Tete, norte do país, onde deverão ser erguidos os demais empreendimentos energéticos.

Lógica do período colonial era exportar a energia

Para viabilizar o envio de energia às cidades do Sul, os parceiros privados se comprometeram a participar da construção de uma linha de transmissão de energia de 1.500 quilômetros, conectando as duas extremidades do país. A obra está orçada em US\$ 1,6 bilhão e é considerada fundamental para o desenvolvimento de Moçambique. O atual sistema de transmissão não permite essa integração, pois foi herdado do período colonial, quando o objetivo era gerar receita com a exportação de energia. Moçambique tornou-se independente em 1975.

Na área de energia, Moçambique também mantém três projetos de etanol, com produção estimada total de 520 milhões de litros por ano.

A repórter viajou a convite da Vale

VEÍCULO: Valor

Seção: Economia

Autor: Ivo Ribeiro, de Maputo

Data: 27/03/2009

Título: Vale vai além do cobre em Moçambique

A Vale do Rio Doce poderá se tornar também uma grande geradora de energia em Moçambique, além da mais importante mineradora de carvão mineral do país, com a operação de uma mina no distrito de Moatize, cuja instalação começa hoje. O governo moçambicano estima que a empresa brasileira investirá até US\$ 2,8 bilhões na construção de uma térmica movida a carvão, a ser erguida em três ou quatro fases, com potência para gerar entre 1,5 mil megawatts (MW) e 2 mil MW. A informação foi passada pelo ministro de Energia, Salvador Namburete, pela ministra de Recursos Minerais, Esperança Bias, e pelo diretor do CPI (Centro de Promoção de Investimentos), Rafique Jusob.

A mina de carvão da Vale, com capacidade para 11 milhões de toneladas e investimento superior a US\$ 1,3 bilhão, tem previsão de ficar pronta em dezembro de 2010. Está desenhada para produzir 8,5 milhões de toneladas de carvão metalúrgico, usado na fabricação de aço, e 2,5 milhões de toneladas de carvão térmico, com finalidade para geração elétrica. Boa parte deste tipo de carvão seria a matéria-prima para a termoelétrica.

Por meio da assessoria de imprensa, a Vale informou que "existe um projeto para uma térmica em Moçambique, mas que está ainda na fase de avaliação". Observou que, "portanto, nenhum número relativo a cronograma ou investimento está definido". A companhia acrescentou que o projeto será ainda enviado à apreciação do conselho de administração.

O ministro de Energia disse que esse investimento faz parte de um pacote que prevê triplicar a capacidade de geração de energia do país, atualmente de 2,3 mil MW. A

maioria da energia seria exportada para países vizinhos, principalmente para a África do Sul. O país vizinho já compra expressiva quantidade da energia gerada na hidrelétrica de Cabora-Bassa, retomada dos portugueses em 2007 por US\$ 950 milhões. Outros interessados no insumo são a Namíbia, o Zimbábue e Botsuana, além do próprio país.

Moçambique se beneficiaria com esses empreendimentos tanto na disponibilidade de energia para atrair investimentos de indústrias eletrointensivas, como fundições de alumínio, de ferro-ligas e fábricas de cimento, quanto na geração de divisas com a venda aos países da região, que convivem com déficit de oferta. Hoje, o país já recebe cerca de US\$ 300 milhões ao ano com o excedente exportado de Cabora-Bassa.

Além do projeto da Vale, Namburete mencionou uma térmica da australiana Riversdale, estimada em US\$ 1,5 bilhão, e duas novas hidrelétricas. Uma delas, em estágio de estudos avançados, é tocada pelo grupo brasileiro Camargo Corrêa. A outra refere-se à construção de Cabora-Bassa Norte, que encontra-se na fase de estudos e foi preliminarmente orçada em US\$ 1 bilhão.

O projeto da Camargo Corrêa no rio Zambesi - segundo maior da África - está previsto para gerar 1,5 mil MW, podendo atingir 2,3 mil MW numa segunda etapa. A hidrelétrica de Mphanda Nkuwa, segunda informação do grupo, tem investimento previsto nessa primeira fase de US 1,5 bilhão e o projeto encontra-se na fase de estruturação do Project Finance. Está prevista a venda de cerca de 70% a 80% da energia para o mercado sul-africano. No momento, a Camargo negocia um contrato de pré-venda (o PPA) com a Eskon, companhia elétrica da África do Sul. Associado à usina, há uma linha de transmissão de mais de 1.200 quilômetros, orçada em US\$ 1 bilhão de investimento adicional.

Com a mina de carvão de Moatize, a Vale busca tornar-se também uma empresa global no negócio de carvão, assim como suas rivais em minério de ferro - as australianas Rio Tinto e BHP Billiton. Esse time é composto ainda pela sul-africana Anglo American e pela suíça Xstrata. Essas companhias produzem os dois tipos de carvão. A BHP, maior mineradora do mundo em valor de mercado, por exemplo, produziu no segundo semestre do ano passado 35,3 milhões de toneladas de carvão térmico e quase 20 milhões do metalúrgico. Os dois produtos renderam, juntos, receita superior a US\$ 9 bilhões.

A Rio Tinto é a líder nesse segmento, com produção de 160 milhões de toneladas em 2008. A Anglo extraiu 99,5 milhões de toneladas e a Xstrata pouco mais de 85 milhões. A BHP informa que é a maior comercializadora no mercado mundial de carvão metalúrgico.

O projeto de Moatize, na província de Tete, em Moçambique, é o maior da brasileira, que já opera minas na Austrália e tem parcerias na China e atividades em desenvolvimento na África do Sul. No ano passado, com vendas de pouco de 4,1 milhões de toneladas dos dois tipos de carvão, a Vale obteve receitas de US\$ 577 milhões.

Moatize é um projeto que integra mina e ferrovia a um terminal portuário de terceiro no litoral do Oceano Índico, na cidade de Beira, na província de Sofala. A ferrovia tem 600

quilômetros de extensão. A reserva mineral, uma das maiores do mundo, poderá permitir programas de expansão no futuro. Apenas em ações sócio-ambientais, desde a fase de estudos de pré-viabilidade, até o fim da vida útil da mina, previsto em 35 anos, estão orçados investimentos de US\$ 170 milhões. São projetos nas áreas de educação, saúde, lazer, esportes, qualificação de pessoas para desenvolvimento de atividades sustentáveis e o reassentamento de 1.047 famílias que hoje vivem na área de extração do minério.

O carvão da Vale terá como destino comercial o Brasil (que é 100% importador do tipo metalúrgico, com 13 milhões de toneladas em 2008), países da Ásia, Oriente Médio e Europa. No ano passado, o carvão usado na siderurgia teve alta de 220% no preço, passando a valer mais de US\$ 300 a tonelada. Para 2009, com a crise financeira global, as primeiras negociações indicam queda de 60%. O térmico sinaliza retração de até 50%.

O jornalista viajou a convite da Vale

VEÍCULO: Gazeta Mercantil

Seção: Economia

Autor: Danielle Nogueira Enviada especial

Data: 27/03/2009

Título: Gasto da Vale em Moçambique pode chegar a 40% do PIB do país

Maputo (Moçambique), 27 de Março de 2009 - A Companhia Vale do Rio Doce inaugura hoje em Moçambique um dos maiores projetos de carvão do mundo, mas é na geração de energia do país africano que a mineradora deverá investir mais. O ministro de Energia de Moçambique, Salvador Namburete, revelou que a empresa pode injetar até US\$ 2,8 bilhões na construção de um grande central complexo de energia térmica próxima à mina de carvão, para aproveitar parte da matéria-prima e gerar receita com a exportação da energia para a vizinha África do Sul. A empresa confirma a construção da térmica, mas não informa o valor do projeto. Se confirmar, os investimentos dos dois projetos da mineradora nos próximos anos no país alcançarão cerca de 40% de todo o Produto Interno Bruto (PIB) gerado pelos moçambicanos em 2008.

O projeto Carvão Moatize terá US\$ 1,3 bilhão em investimentos e capacidade para produzir 11 milhões de toneladas do insumo por ano. Localizada na província de Tete, a mina tem previsão de início em 2011. A Vale lança hoje a pedra fundamental do projeto.

A ministra de Recursos Minerais de Moçambique, Esperança Bias, estima que o país possui 10 bilhões de toneladas de carvão, cujas reservas estão concentradas em Tete e Niassa. O dado, porém é preliminar, conforme ponderou a ministra.

As obras da Vale em Tete já atraíram cerca de 20 empresas brasileiras, inclusive as construtoras Odebrecht e Camargo Corrêa. Esta, por sua vez, vai erguer uma hidrelétrica de US\$ 2 bilhões, com capacidade de geração de 1,5 mil megawatts (MW). O projeto já tem nome e confirmação da Camargo Corrêa. Chama-se Mphnda Nkuwa e está na fase de estruturação.

A ministra de Recursos Minerais de Moçambique contou a alguns jornalistas brasileiros que a térmica da Vale poderá ter capacidade de geração de 600 MW a 2,4 mil MW, dependendo do número de módulos que a mineradora decidir construir. A companhia informou que os números ainda não foram definidos e o projeto terá que passar pelo crivo do Conselho de Administração.

Além da Vale e da Camargo Corrêa, a australiana Riverdale também está de olho no setor elétrico, segundo os ministros. A empresa deve erguer uma térmica na mesma região. E o [governo](#) trabalha com mais investidores para erguer outra hidrelétrica. A falta de energia é um dos maiores gargalos no continente. Os investidores terão como contrapartida a construção de um linhão de transmissão capaz de aumentar a capacidade de distribuição elétrica do local de produção, na província de Tete, até o centro consumidor industrial, na capital, Maputo, e redondezas. O objetivo é exportar a maior parcela da energia e atender a indústria local.

Construída pelos colonos portugueses, a hidrelétrica existente, Caborabaça, atende prioritariamente aos vizinhos. Depois de pagar US\$ 950 milhões pela usina, o governo moçambicano decidiu ampliar a exportação, mas também mirou na produção de energia para o consumo dos moçambicanos, por meio de novos projetos. O governo lançou o programa de eletrificação rural e dobrou o acesso a energia pela população em apenas quatro anos. Mas a taxa ainda é pequena: 14% da população tem energia elétrica. "Do ponto de vista de soberania é uma grande debilidade não poder escoar nossa própria energia", disse o ministro de energia de Moçambique, Salvador Namburete.

Um dos insumos usados na geração elétrica, o carvão térmico deve representar cerca de 30% da mina da Vale. Outros 70% seriam de carvão metalúrgico, usado por siderúrgicas na produção de aço.

A Vale está no país desde 2004, quando adquiriu direitos para pesquisar a área de Moatize. Trabalham no processo cerca de dois mil empregados, dos quais mais de 90% são habitantes locais. O projeto exige a retirada de mais de mil famílias da região, o que levou a empresa a construir novas casas, além de executar obras sociais. Serão investidos mais de US\$ 170 milhões em saúde, educação, cultura, lazer e infra-estrutura. A empresa já reabilitou o hospital da região, construiu um orfanato e reformou outro, entre outras ações. Programas de capacitação de mão-de-obra também foram providenciados, conforme contou a coordenadora de sustentabilidade da empresa no país, Camilla Lott. (Gazeta Mercantil/Caderno C - Pág. 1) (Sabrina Lorenzi - A jornalista viajou a convite da Vale).

VEÍCULO: O Globo

Seção: Economia

Autor: Sabrina Lorenzi - A jornalista viajou a convite da Vale)

Data: 30/03/2009

Título: Vale procura ampliar presença na África

Maputo (Moçambique), 30 de Março de 2009 - Assim como as empresas chinesas, a Vale decidiu crescer na África. Durante o lançamento do projeto de carvão em Moatize, província de Tete, em Moçambique, o presidente da companhia, Roger Agnelli, citou pelo menos cinco países novos do continente onde a empresa não estava presente.

Agnelli esteve em Moçambique na semana passada para a inauguração da construção de um projeto de carvão no valor de U\$ 1,3 bilhão, com uma capacidade de produzir 11 milhões de toneladas de carvão por ano.

A mineradora brasileira iniciou pesquisas no Egito, Congo, Zâmbia, Namíbia e Mauritânia, nações que não constam, por enquanto, do mapa de suas operações divulgado pela empresa. E continua presente em Guiné, África do Sul, Moçambique e Angola.

No solo angolano, a Vale busca minerais numa área de 250 mil quilômetros quadrados, onde poderá encontrar cobre e "tudo o mais", como definiu Agnelli.

No Egito, a Vale procura potássio, um dos insumos para fertilizantes, também encontrado no Peru pela empresa. No Congo pode haver cobre. O alvo na Guiné é a bauxita, matéria-prima do alumínio. O potencial da África do Sul pode ser o manganês.

Em Moçambique, onde procura várias substâncias, a Vale não está sozinha. São mais de 20 empresas, segundo o governo. O presidente Armando Guebuza ressaltou que o país vai deixar de crescer 7% ao ano por causa da crise, mas projeta um aumento de 5,5% e a continuidade de investimentos de empresas estrangeiras. "Queremos atrair ainda mais investimentos", disse ele a jornalistas brasileiros.

"Moatize é o nosso grande primeiro projeto da África. Estamos fazendo estudos, procurando novas alternativas de investimentos", afirmou Agnelli. Em duas frentes, o executivo justificou a continuidade do apetite da mineradora mesmo em tempos de crise. Primeiro, a companhia faz apostas e investimentos de longo prazo. E, para o curto prazo, o executivo diz que pode haver recuperação da demanda breve. "Nós podemos ter uma surpresa em breve. A cada dia que passa, vemos uma pequena melhora." Segundo ele, a reação das vendas de minério começaram em janeiro, melhoraram um pouco em fevereiro e "talvez mais um pouquinho em março".

Para Agnelli, não era sustentável ter Europa, Estados Unidos e Ásia crescendo juntos, o que foi interrompido pela crise.

A Vale, neste ritmo, deve manter os mais de cinco mil funcionários que voltarão da licença remunerada em maio. Roger Agnelli disse que a empresa planeja fazer remanejamento desses empregados para projetos novos, que precisam de mão-de-obra, como Onça Puma (um projeto de níquel no Pará) e outros.

"Não queremos demitir pessoas em quem investimos", disse. Mas ele não descartou a possibilidade de cortar funcionários, caso a crise se intensifique. "É possível mas não é provável", contou. O discurso sobre a recuperação da economia começou positivo mas

terminou menos otimista. Segundo Agnelli, a China continua comprando - comprou 30% a mais em minério nos últimos meses.

Mas a Europa, por sua vez, está derrubando as vendas, da mesma maneira que o Brasil. Estocadas, as siderúrgicas brasileiras estariam comprando apenas 10% do que era comprado no ano passado, movimento que deve se reverter com o fim dos estoques, segundo fontes.

A ministra de Recursos Minerais de Moçambique, Esperança Bias, afirmou que, além da Vale, gigantes como a Mittal, Tata e BHP estão no país em busca de minérios. Odebrecht e Camargo foram contratadas pela Vale para as obras do projeto de Moatize. E investidores como a australiana Riverdale investem em energia.

(Gazeta Mercantil/Caderno A - Pág. 12)(Sabrina Lorenzi - A jornalista viajou a convidada Vale)